

## OS CONTRIBUTOS DA OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU PARA A HISTÓRIA DA PEDAGOGIA: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICO-FILOSÓFICA

## THE CONTRIBUTIONS OF JEAN-JACQUES ROUSSEAU'S WORK TO THE HISTORY OF PEDAGOGY: A HERMENEUTIC-PHILOSOPHICAL ANALYSIS

## LAS CONTRIBUCIONES DE LA OBRA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU A LA HISTORIA DE LA PEDAGOGÍA: UN ANÁLISIS HERMENÉUTICO-FILOSÓFICO

1

**Robenson Azor**

Universidade Federal de Pelotas

ORCID – <https://orcid.org/0000-0001-6312-2206>

**Letícia Maria Passos Corrêa**

Universidade Federal de Pelotas

ORCID - <https://orcid.org/0000-0003-0300-6099>

**Neiva Afonso Oliveira**

Universidade Federal de Pelotas

ORCID - <https://orcid.org/0000-0002-5513-5530>

**Resumo:** O artigo apresenta a vasta contribuição de Rousseau para a História da Pedagogia e tem como objetivo demonstrar a relevância do pensamento rousseauiano para o desenvolvimento da História da Pedagogia, bem como sua importância para a História da Filosofia e da humanidade. Assim, podemos trazer como problema de pesquisa a seguinte questão norteadora, que dará margem para as problematizações que almejamos investigar: na esteira dos grandes ícones do pensamento pedagógico, qual é a relevância das ideias de Jean-Jacques Rousseau para a História da Pedagogia? Para realizar esta pesquisa, pensa-se utilizar a pesquisa bibliográfica e qualitativa como metodologia central, tendo como instrumentais os métodos teórico, hermenêutico e filosófico, partindo da leitura dos escritos rousseauianos, relacionando-os com a História da Pedagogia e objetivando perceber, através da interpretação dos dados coletados, elementos que demonstrem o quão relevante a obra de Rousseau se apresenta no contexto da História da Pedagogia. Ao fim se entenderá que não há uma educação uniforme, esta muda com o tempo e ocorre de sociedade em sociedade. Entende-se que a contribuição do pensamento rousseauiano para a História da pedagogia é inestimável.

**Palavras-Chave:** Rousseau. Pedagogia. Estado de Natureza. Formação Humana. Emílio.

**Abstract:** The article presents Rousseau's vast contribution to the history of Pedagogy and aims to demonstrate the basis of Rousseau's thought for the development of the History of Pedagogy, as well as its importance for the History of Philosophy and Humanity. That way we can make emerge from the research problem to the following guiding question, which will give rise to the problematizations that we propose to investigate: in the wake of the great icons of pedagogical thought, what is the relevance of the ideas of Jean-Jacques Rousseau? for the History of Pedagogy? To carry out this research, we plan to use the bibliographical and qualitative quest as a central methodology, having as instruments the theoretical, hermeneutical and philosophical methods, starting from the reading of Rousseau's writings, relating them to the History of Pedagogy and while capturing the objective, through the collected interpretations, the elements that demonstrate the scope of Rousseau's work in the context of the History of Pedagogy. In short, we will understand that there is no uniform education, it changes over time and it happens from society to society. We also understand that the contribution of Rousseau's thought for the History of Pedagogy is invaluable.

**Keywords:** Rousseau. Pedagogy. Naturel of State. Human formation. Emile

**Resumen:** El artículo presenta la vasta contribución de Rousseau a la Historia de la Pedagogía y tiene como objetivo demostrar la relevancia del pensamiento de Rousseau para el desarrollo de la Historia de la Pedagogía, así como su importancia para la Historia de la Filosofía y de la humanidad. Así, podemos traer como problema de investigación la siguiente pregunta orientadora, que dará pie a las problematizaciones que nos proponemos investigar: en la estela de los grandes íconos del pensamiento pedagógico, ¿cuál es la relevancia de las ideas de Jean-Jacques Rousseau para la Historia de la Pedagogía? Para realizar esta investigación, se piensa utilizar la investigación bibliográfica y cualitativa como metodología central, teniendo como instrumentos los métodos teóricos, hermenéuticos y filosóficos, partiendo de la lectura de los escritos de Rousseau, relacionándolos con la Historia de la Pedagogía y con el objetivo de comprender, a través de la interpretación de los datos recogidos, elementos que demuestren cuán relevante es la obra de Rousseau en el contexto de la Historia de la Pedagogía. Al final se entenderá que no hay una educación uniforme, cambia con el tiempo y se da de sociedad en sociedad. Se entiende que la contribución del pensamiento de Rousseau a la Historia de la Pedagogía es invaluable.

**Palabras-clave:** Rousseau. Pedagogia. Estado de Naturaleza. Formación humana. Emílio

## INTRODUÇÃO

O presente artigo em um primeiro momento traz a relevância do pensamento rousseauiano para o desenvolvimento para a história da Pedagogia. Inicialmente, é introduzido brevemente o itinerário da evolução da Pedagogia ao longo da História da Humanidade até o tempo de

Rousseau. Assim, vale lembrar que a Educação determina o tipo de sociedade que pretendemos formar, colocando-se de forma fundamental na construção da sociabilidade. Desde a Antiguidade Grega, o educar preocupou-se com a transformação dos sujeitos. De fato, quanto a isto, Esparta e Atenas são consideradas primogênitas. Apesar de ambas serem cidades gregas, há olhares diferentes a respeito da visão pedagógica sobre como formar o cidadão.

Desta forma, ao abordar tal exemplo, observa-se claramente que a Educação, desde o tempo Antigo até os dias de hoje, não se apresenta de forma homogênea. O educar, visto de uma forma ampla, abrange diferentes métodos didáticos, variadas visões de mundo e distintas Teorias de Currículo, implicando no respeito à pluralidade cultural, que varia em função dos valores e princípios de cada Estado, da realidade de cada país e das inúmeras especificidades que caracterizam os diferentes indivíduos envolvidos no processo pedagógico. Portanto, a Educação, desde sua origem, teve como foco a transformação humana.

Ao analisar a História das Ideias Pedagógicas, podemos perceber que, ao longo do tempo, a Educação passa por diferentes transformações. Na Antiguidade Grega, representa diferentes papéis, passando da formação física para a valorização do desenvolvimento cognoscível, focado através daquele que melhor argumenta. Os Sofistas podem, assim, serem considerados os primeiros pedagogos, ao lecionarem técnicas de persuasão e de retórica, atuando como professores itinerantes em diferentes cidades, mediante uma remuneração cobrada ao alunado. Já em Sócrates (469-399 a.C.), a Pedagogia ganhava outra extensão, migrando da retórica sofística para a maiêutica, entendida pelo filósofo como um método que provoca o indivíduo a aprender por si mesmo.

A Idade Média é conhecida como o momento em que houve valorização da Educação através da construção das primeiras universidades africanas, tais como a Universidade Ez-zitouna (737) na Tunísia, a Universidade Al Quaraouiyine (859) em Marrocos e a Universidade de Alazar

(988) no Egito. Em seguida há o surgimento das universidades ocidentais/europeias, como a Universidade de Bolonha (1088), a Universidade de Oxford (1096) e a Universidade de Paris (1170). Vale lembrar, ainda, a construção de conventos religiosos e de grandiosas bibliotecas e catedrais, que também contribuíram na evolução pedagógica da Educação da época.

Durante mil anos a Pedagogia voltou-se à doutrina cristã, conciliando os textos bíblicos com a filosofia ocidental. Ocorreu, neste período, a existência de uma rivalidade entre Fé e Razão, começando com *les pères de l'Église (patristique) jusqu'aux scolastiques*. Nesta mesma perspectiva nasceu a ordem dos jesuítas que, segundo Gadotti (2005), destinava-se à formação das elites burguesas, para prepará-las a exercer a hegemonia cultural e política. Porém, a educação popular ficaria nesse momento esquecida e, somente mais tarde, será assumida pelos franciscanos. A Educação Medieval apresentava-se ligada à fé, visando prevenir a população dos ataques protestantes.

Assim, a revolução no sistema pedagógico continuava a se fazer sentir, ainda dirigida pelos jesuítas. Nesse contexto, no século XVIII, o iluminista Jean-Jacques Rousseau revoluciona o campo pedagógico, ao valorizar a criança e colocá-la no centro do fazer educacional. Segundo Franco Cambi (1999, p. 342), o filósofo genebrino é considerado o “pai da pedagogia contemporânea” porque suas ideias trazem novas perspectivas para o sistema educativo.

Rousseau pode ser comparado a Copérnico, no que tange à sua relevância para a História da Pedagogia. Assim como Copérnico conseguiu inverter o mundo dos astros, Rousseau, por sua vez, inverte o foco do olhar da Educação na relação professor-aluno.

Abandonando a pedagogia dos Jesuítas, concentrada nos adultos, Rousseau tem um olhar atento para a criança como sujeito do seu processo de aprendizagem. Em meio a isso, podemos nos perguntarmos: o que impulsiona o filósofo genebrino a realizar tais questionamentos? Em que

medida a nova Pedagogia de Rousseau poderia contribuir na construção de um novo modelo de sociedade? Por que o pensador viu necessidade de construir outra forma de Pedagogia, contrária à da época?

Em um segundo momento, é abordada a contribuição dos fatos históricos do século XVIII para o desenvolvimento da Pedagogia Rousseauiana. Posteriormente, focaliza-se nas concepções de Rousseau a respeito da Pedagogia, com vistas à formação de cidadãos livres e próximos da natureza, sem interferência do mundo exterior. E, por fim, o texto apresenta elementos centrais da obra “*Emílio ou Da Educação*”, romance pedagógico que seria o modelo de Pedagogia rousseauiano.

Em busca de respostas para os questionamentos anteriormente colocados, intenciona-se investigar, nas obras de Rousseau, reflexões que o impulsionaram para a formulação de tais problemas filosóficos, tão pertinentes para o campo pedagógico. Tendo como norte uma abordagem histórica, analisando fatos importantes da época, e realizando uma pesquisa teórico-bibliográfica, espera-se que possamos adquirir uma ideia mais clara a respeito da contribuição do pensamento rousseauiano para a Pedagogia.

## **BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO AMBIENTE DO SÉCULO XVIII**

Visando melhor entendimento da contribuição de Rousseau para a Pedagogia, vale lembrarmos e trazermos presentes fatos históricos significativos de sua época. Sem dúvida, o século XVIII reflete bem o pensamento do genebrino. Segundo Azor e Oliveira “o pensamento de Rousseau foi fruto de seu tempo. As frustrações e os sofrimentos da época marcaram sua vida e carreira intelectual. Seu propósito era contribuir para a mudança da sociedade a fim de construir um mundo melhor” (2019, p. 25). Por isso, em certos momentos Rousseau se mostrará revoltado pelos acontecimentos da sociedade de seu tempo e obras como o “*Discurso*

sobre as Origens e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens”, “O Contrato Social” e “Emílio ou Da Educação” são algumas provas disso.

O Século XVIII é conhecido como o século das luzes, marcado pelo iluminismo. Neste período reinava a monarquia absolutista, de Luís XIV, em que “reunido numa só pessoa os três poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário), os franceses não tinham voz para se expressarem publicamente acerca de suas necessidades, frustrações e medos, de modo que todos eram súditos do rei” (Id., Ibid, p. 24).

Vale ressaltar que, nesta época, a Europa ocidental passava por transformações inevitáveis, tanto em questões socioculturais e educacionais quanto no âmbito da economia e da política. No final do século XVIII, a Revolução Francesa, de 1789, representa um dos fatos mais marcantes; embora esse período tenha sido também marcado por outras revoluções, tais como a Revolução Americana (1776) e a Revolução Haitiana (1791-1804), onde o nascimento de uma primeira república negra no centro da América assustaria o mundo colonial e imperialista. Sobre a importância do pensamento rousseauiano para o desenvolvimento histórico da França no século XVIII, fala Dent (1996, p. 22) “Não há dúvida de que foi uma presença dominante durante a Revolução Francesa, e de que está hoje consagrado como uma das grandes figuras da civilização ocidental”.

Rousseau, ao pensar numa outra forma de Pedagogia, decepcionava-se com a sociedade em que vivia - dividida em classes e politicamente dominada por um pequeno grupo de pessoas. O poder público era centrado numa só pessoa: “o rei”. A concentração de renda era centralizada em uma pequena parcela da população, que possuía quase toda riqueza da França. Enquanto isso, mais que 98% da população do país vivia sob a pobreza. O filósofo acredita que o problema da desigualdade entre as pessoas não é original e natural no homem e pode ser combatido por outra forma de Educação, começando por educar as crianças. Para tanto, nosso autor irá propor uma Educação Negativa, proporcionando ao educando a vivência da liberdade e da descoberta de si:

Denomino educação positiva aquela que pretende formar o espírito antes da idade e dar à criança um conhecimento dos deveres do homem. Chamo educação negativa aquela que procura aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento, antes de nos dar esses próprios conhecimentos e nos preparar para a razão pelo exercício dos sentidos. A educação negativa não é ociosa, muito ao contrário. Não produz virtudes, mas evita os vícios; não ensina a verdade, mas protege do erro. Ela prepara a criança para tudo o que pode conduzi-la à verdade, quando estiver em condições de entendê-la, e ao bem, quando estiver em condições de amá-lo (ROUSSEAU, 2005, p. 57).

7

A grande ideologia iluminista a respeito dos problemas sociopolíticos e econômicos da Europa influenciou a Revolução Francesa em 1789. *La liberté, l'égalité et la fraternité* eram os gritos do povo francês que, relacionando-se com o verdadeiro objetivo de Rousseau, visava uma França Republicana dirigida pela vontade geral, a qual o povo seria o soberano. Desta forma, o Iluminismo ficou conhecido como um movimento que almejava uma sociedade sem desigualdades. Entretanto, não existiu entre os iluministas uma homogeneidade de pensamento; ao contrário, houve discórdias, contradições e rompimentos. Acerca do pensamento iluminista, fala Cassirer:

O pensamento iluminista consegue sempre extravasar do quadro rígido do sistema e libertar-se, justamente nos espíritos mais fecundos e mais originais, da sua estrita disciplina. Não é nas doutrinas particulares, nos axiomas e teoremas em que ele acaba por fixar-se que esse pensamento manifesta com maior clareza a sua estrutura e a sua orientação característica, mas quando se deixa empolgar no próprio devir de sua elaboração, quando duvida e averigua, quando derruba e constrói. A totalidade desse movimento incansavelmente flutuante, em permanente fluxo, não poderia reduzir-se a uma simples soma de opiniões individuais. A "filosofia" do Iluminismo propriamente dita é algo muito diverso do conjunto do que foi pensado e ensinado pelos grandes mestres do período (1992, p. 12).

Conforme já fora mencionado, três obras são apontadas como resultado da insatisfação da sociedade da época e podem ser consideradas como o principal legado de Jean-Jacques Rousseau. No

“Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens” já há uma abordagem ao problema social. “O Contrato Social” apresenta a necessidade de um pacto entre os seres sociais, priorizando a vontade geral, isto é, a política democrática. Por fim, “Emílio ou Da Educação” relaciona moral à racionalidade, através da Educação.

## UMA EDUCAÇÃO DESTINADA A FORMAR O CIDADÃO LIVRE

Rousseau, após a publicação do “Discurso sobre as Origens e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens” (1755), retraça antropologicamente a passagem do Estado Natural dos seres humanos para a sociedade civil, onde percebe a necessidade de apresentar a forma como os indivíduos renunciam das suas próprias liberdades para criar a civilidade. Para tanto, o pensador escreverá o famoso “Contrato Social” (1762), onde desenvolve, efetivamente, suas ideias políticas. Quanto à relevância do pensamento rousseauiano para o campo da política, fala Robert Derathé:

Mas se podemos ver em seu sistema político o resultado das doutrinas anteriores e a sobrevivência da tradição do direito natural, Rousseau não deixa de ser um inovador. Ele mostrou que o desenvolvimento intelectual e moral do homem é uma consequência da vida social e, desse ponto de vista, ele pode ser considerado o precursor da sociologia contemporânea. Ao afirmar que só há verdadeira liberdade para o homem no seio do Estado e sob a coação das leis, Rousseau foi, por outro lado, o inspirador das doutrinas políticas de Kant e de Hegel. Se a influência do Contrato Social foi tão profunda e tão duradoura, é porque esse escrito marca uma reviravolta na história das ideias e constitui, segundo a excelente fórmula de Vaughan, uma verdadeira “revolução na especulação política” (2009, p. 544).

A grande ideia desenvolvida no *Contrato Social* por Rousseau, afirma que a vida do homem está organizada por um pacto realizado como soberano. Contudo, este, por sua vez, deve desempenhar o papel de representante da vontade geral do povo, onde os indivíduos lhe transferem



suas liberdades naturais para criar um ambiente propício para todos. Marilena Chauí (2000, p. 517) sustenta que:

A passagem do Estado de Natureza à sociedade civil se dá por meio de um contrato social, pelo qual os indivíduos renunciam à liberdade natural e à posse natural de bens, riquezas e armas e concordam em transferir a um terceiro – o soberano – o poder para criar e aplicar as leis, tornando-se autoridade política. O contrato social funda a soberania.

Jean-Jacques Rousseau estabeleceu uma relação entre sociedade, política e Educação. Inicia seu *Contrato Social* com a frase: “O homem nasceu livre e em toda parte é posto a ferros. Quem se julga o senhor dos outros não deixa de ser tão escravo quanto eles” (ROUSSEAU, 2012, p. 23). Similarmente, na obra “*Emílio ou Da Educação*”, o filósofo volta a afirmar, a partir de outro argumento, que: “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem” (2014, p. 7). Tais premissas nos conduzem à aceitação de que a sociedade corrompe os homens, apesar da sociabilidade ser necessária e compulsória. Deste modo, acredita-se que o homem é um ser bom por natureza. Para além da boa moralidade, Rousseau enfoca na inocência natural (que, por si, não é moral e nem amoral). Embora a sociedade influencie a vida do homem, os males são originados do agir social, nos alertando que o ser humano não pode permanecer em seu estado de corrupção civil.

De acordo com alguns estudos mais recentes sobre a Pedagogia de Rousseau, podemos nomear em sua obra dois modelos pedagógicos. Cambi (1999, p. 353), sobre isto, afirma:

Os estudos mais recentes sobre a pedagogia de Rousseau puseram em destaque a existência, na sua obra de maturidade, de dois modelos educativos, bem diferenciados entre si e, às vezes, até mesmo opostos. De um lado, coloca-se o modelo da educação natural e libertária que privilegia a formação do homem, típica do Emílio; de outro, o modelo de uma educação social e política, desenvolvida pelo Estado e ligada mais ao princípio da “conformação social” do que ao da liberdade e que encontramos desenvolvida, em particular, nas “Considerações sobre o Governo da Polônia”, obra póstuma de 1782.

Assim, fica claro que Rousseau, ao escrever o *Emílio*, pensava na reconstrução de um ser livre, ligado à natureza. Todavia, para tanto, precisamos lembrar que o sujeito tem como objetivo assumir a sociedade, ou seja, ser coparticipante da vontade geral. Doravante, Rousseau dava muita importância à Educação Pública. Segundo Cambi (Id., Ibid.) “a escola pública será administrada por um colegiado de magistrados de primeira ordem, que nomeará os diretores dos colégios e os mestres dos exercícios”.

A criação de um homem natural, livre e feliz pode ser considerada o objetivo mestre da Educação de Rousseau. Claude-Henry Du Bord (2007, p. 328, tradução nossa) afirma que o modelo pedagógico rousseauiano consiste numa “educação cujo propósito é recriar um homem mais próximo da natureza, tornar-se ao mesmo tempo livre e feliz”<sup>1</sup>.

A velha doutrina de Educação era centrada nos adultos. O professor era o único chefe da sala que incentivava as crianças à memorização dos conteúdos de suas aprendizagens. Para Streck (2004, p. 28), em Rousseau “as razões para se educar também não podem mais ser derivadas de um ponto externo. Sendo a criança o centro do processo, deve-se buscar nela mesma aquilo que a faz querer aprender”. Pela primeira vez o revolucionário Jean-Jacques Rousseau entrava com uma nova concepção de Educação. Isto é, o pensador genebrino “inverte o polo” e foca seu olhar nas crianças no sistema educativo, consistindo, assim, numa ideia que chocou a Europa ocidental, chegando ao ponto de suas obras serem proibidas em países como a França e a Suíça.

Cambi acredita que “o filósofo de língua francesa, de fato, operou uma ‘revolução copernicana’ em pedagogia, colocando no centro de sua teorização a criança; opôs-se a todas as ideias correntes (tradição e do seu século) em matéria educativa [...]” (1999, p. 343). Rousseau, assim, crê que a criança nasce inocente, e é boa por natureza; contrária ao adulto, que já

---

<sup>1</sup>A citação original é : “[...]éducation dont le dessein est de recréer un homme plus près de la nature, à même de devenir un homme à la foi libre et heureux”.

tem uma vida falsificada e corrompida pelos vícios sociais, embora isso não possa ser relacionado à moral, pois ela ainda não tem consciência ética. Para Gadotti (2008), inspirado em preceitos rousseauianos, a criança nasce boa e o adulto, com sua falsa concepção da vida, é que a perverte.

O desejo de construir um homem mais próximo da natureza incentiva Rousseau a criar um personagem legendário. “*Emílio*” tinha o objetivo de enfrentar os males sociais e de recuperar o Estado de Natureza, já que a sociedade é a fonte de todos os vícios do homem. Assim, percebemos que, em Rousseau, existe uma integração entre a política e a Pedagogia. Cambi (1999, p. 343) sustenta que:

(...) política e pedagogia estão estreitamente ligadas em Rousseau: uma é o pressuposto e o complemento da outra, e juntas tornam possível a reforma integral do homem e da sociedade, reconduzindo-a por vias novas para a recuperação da condição natural, ou seja, por vias totalmente artificiais e não ingênuas, ativas através de um radical esforço racional.

Talvez esse motivo teria dado o sentido da publicação das duas mais famosas obras de Rousseau, a saber, o “*Contrato*” e o “*Emílio*”, publicadas no mesmo ano, em 1762. Cabe entender duas palavras-chave: a “*lei e o indivíduo*”. Ou seja, trata-se da relação existente entre o Estado e os sujeitos sociais. O jovem Emílio é o exemplo disso, preparando sua *sociabilidade* (moralmente), recebida por um preceptor para a convivência em sociedade. Tudo é planejado para que o menino se tornasse um bom cidadão, diferentemente dos demais indivíduos já corrompidos socialmente. Pissara, a respeito da relevância do pensamento rousseauiano, nos fala:

Considerado por muitos o grande escritor e filósofo do século XVIII, Jean-Jacques Rousseau revela ao seu leitor uma existência fora do comum, bem como um pensamento que mesmo depois de mais de dois séculos continua a causar grande interesse. É impossível lê-lo e permanecer indiferente (2002, p. 5).

Desse modo, a preocupação pedagógica de Rousseau é a de reconduzir o homem para uma (re)naturalização, ou seja, a restauração do Estado de Natureza, já que, para o autor, este seria o estado da felicidade

em que o homem, de fato, o abandona em função de sua sociabilidade. Para entendermos bem sua tônica filosófica, no que tange à questão da liberdade, precisamos entender sua proposta contratualista, onde o genebrino expressa seu espírito republicano e democrático, algo incomum para a época. Portanto, objetivando uma visão de conjunto da obra rousseauiana, podemos afirmar que, assim como o “*Contrato Social*” é considerada uma obra complementar do “*Emílio*”, os dois escritos também são complementados pelo “*Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens*”.

### **SOBRE “EMÍLIO OU DA EDUCAÇÃO”**

“*Emílio ou da Educação*” foi publicado em 1762, pouco tempo depois da publicação de “*O Contrato Social*”. No “*Emílio*”, Rousseau desenvolve seu pensamento acerca da possibilidade de uma nova Pedagogia. Este novo paradigma, no campo da Educação, consistiria não somente no cuidado do indivíduo desde seu nascimento, mas também envolveria uma formação natural, que poderia ser considerada como a única maneira para reconstruir a sociedade. Sendo assim, já que a abordagem do “*Contrato Social*” aponta para a relevância sobre o pacto entre indivíduos na construção da sociedade civil, o papel da Educação, neste meio, estaria interligado com o caráter político de sua obra.

Rousseau, ao escrever “*Emílio*”, pensa numa pedagogia fundamentada na formação natural do homem. Segundo Cambi (1999, p. 346), “a educação deve ocorrer de modo natural, longe das influências corruptas do ambiente social e sob a direção de um pedagogo iluminado que oriente o processo formativo do menino para finalidades que reflitam as exigências da própria natureza”. Contudo, podemos salientar, como dissemos anteriormente, que a formação pedagógica do pensador iluminista incentiva a criança a desenvolver sua própria capacidade cognitiva. E essa relevância pode ser considerada como um dos pontos

mestres do “*Emílio*”. Desta forma, o jovem Emílio recebe de seu mestre as noções sobre o Contrato Social, e também sobre soberania, cidadania, liberdade e vontade geral, que representam pontos culminantes da democracia no seio da sociedade civil.

O romance pedagógico de Rousseau é composto por cinco livros. Em cada livro são relatadas diferentes fases da vida da criança, passando pela puberdade e pela adolescência, até atingir a vida adulta. Através deste tratado de Educação, Rousseau conta a história de Emílio, seu aluno imaginário e seu preceptor, narrado em primeira pessoa por Jean-Jacques Rousseau. No desenrolar da obra, Emílio cresce naturalmente e, à medida em que se desenvolve através do processo educativo recebido por seu mestre, vivencia cada etapa de sua vida. Vale ressaltar que Rousseau inicia um novo projeto para Emílio, condizente com seus avanços e novos aprendizados, até que seu pupilo chegue à vida adulta, onde Emílio passa a assumir sua própria vida, a partir da vivência do matrimônio com Sofia. Sobre o personagem fictício Emílio, Dent (1996, p. 119) nos fala:

Todas essas propostas educacionais (...) conspiram para servir o propósito dominante de Rousseau: habilitar o ser humano a crescer como um todo, intato, na posse de seus próprios poderes e possibilidades criativos, que ele usará para seu benefício pessoal e de outros.

Rousseau pensa numa Educação centrada na natureza, em que pretende (trans)formar física, intelectual e moralmente a criança. No “*Livro I*” do “*Emílio*” é enfocada a primeira infância, a fase da espontaneidade, onde a Educação da criança deve ser feita naturalmente, tendo como fim a liberdade. Nesta fase, o pai é responsável por educar o infante e a verdadeira ama, que deve dirigir os cuidados relativos à puericultura, é a mãe. Ou seja, a criança pode, assim, ser confiada a um preceptor de qualidade, encarregado de educá-la. Vale lembrar algumas importantes premissas elencadas pelo filósofo nesse livro primeiro, tais como a ideia de que, mesmo antes de falar e de entender, o bebê já expressa sua linguagem através do choro e já se instrui, sendo capaz, assim, de seu preceptor propor

um construtivismo pedagógico. O filósofo genebrino, neste livro, marca seu caráter empirista, ao afirmar que não há nada antes da experiência, nem antes da Educação e do aprendizado. Acerca da Educação condizente com os princípios da natureza, nos fala Salinas Fortes:

É bem-sucedida a educação que conseguir fazer o indivíduo em formação acompanhar a “marcha da natureza”, reprimida pela marcha enlouquecida das educações vigentes. Além de ser um tratado pedagógico crítico, o Emílio é também um tratado sobre a bondade natural do homem, ao reconstituir as etapas naturais de formação do indivíduo humano (1989, p. 94).

14

O “*Livro II*”, que aborda a puerícia, trata do desenvolvimento infantil, compreendendo a idade dentre os três aos doze anos de idade, em que a criança cresce e é estimulada de forma a conviver e a ter contato com a natureza. Segundo Cambi (1999, p. 349) “é uma idade pré-moral e pré-racional, toda voltada para interesses presentes e substancialmente feliz”. Nesta fase também se fala da Educação Negativa, que seria a primeira educação, recebida pela criança, através de Rousseau. A finalidade desta Educação é conservar naturalmente a criança contra os vícios do mundo exterior. Para Rousseau, nesta idade, deve-se deixar o infante aprender com as experiências feitas em conjunto com a natureza. Cambi, em relação a esta etapa da infância, (Id., Ibid.) acrescenta:

[...] seja quanto a línguas estrangeiras, a história ou a fábulas, o objetivo primário da educação nesta fase deve ser o fortalecimento do corpo e o uso correto dos sentidos, com raros elementos de instrução de tipo escolar (um pouco de desenho e de geometria).

O “*Livro III*” trata da puberdade até 15 anos de idade, enfocando a fase intelectual. É a melhor idade para iniciar Emílio no estudo de noções limitadas e justas, assegura Cambi (1999, p. 349). O jovem começa a aprender os estudos da Geografia, observar os fenômenos naturais, aprender os trabalhos manuais e, enfim, a distinguir a opinião da verdade.

O “*Livro IV*” trata da adolescência (idade da razão e paixão), dos 15 até 20 anos, em que ocorrem significativas mudanças ao nível psicológico e

ao sentimento físico do jovem. Nesta etapa, Emílio começa a descobrir a sexualidade e o sentimento de piedade. Segundo Rousseau, o preceptor deve abordar questões morais como o reconhecimento, a consciência, a bondade e a justiça. Nesta fase, o ensinamento da religião é necessário, e de acordo com Rousseau, a única religião para o menino é a natureza. Nesse livro, Rousseau visa preparar Emílio para a vida em sociedade e formar seu eu moral, como se evidencia na citação a seguir:

[...] só tenho um partido razoável a tomar, que é torná-lo responsável perante si mesmo por suas ações, protegê-lo pelo menos das surpresas do erro e mostrar-lhe claramente os perigos que está cercado. Até agora o contive pela sua ignorância; agora, é pelas luzes que devo contê-lo (ROUSSEAU, 2014, p. 456).

O “Livro V” retrata o íterim em que Rousseau apresenta um Emílio que está iniciando sua maturidade e pronto para casar-se com Sofia. Nesse momento Emílio recebe formação sobre política e sobre assuntos ligados à vida matrimonial. Grande parte deste livro é dedicada à apresentação da história amorosa entre Emílio e Sofia. Contudo, ele relata, também, sobre o projeto de Educação da mulher. A mulher precisa saber ler, escrever, cantar, dançar, etc. Este projeto teria como finalidade não apenas visar o desenvolvimento de virtudes e sabedorias, mas também enfoca uma oposição à submissão natural da mulher em relação ao homem. Paradoxalmente e discordando da ideia dominante da época, no que tange ao trato da mulher, tal contribuição avança na proibição do “Emílio” em vários países da Europa. Sobre a relação entre Educação e Política, Dent, em seu “*Dicionário Rousseau*”, explica:

Quando Rousseau sublinha a necessidade de transformar cada indivíduo numa parte de um todo maior, o diz com a intenção de que as pessoas superem sua preocupação com interesses estreitos, egoístas, particulares, que as colocam em conflito e competição com outras. Pois enquanto isso continuar sendo a concepção delas de interesse pessoal, nenhuma associação social apropriada pode ser estabelecida, muito menos perdurar, em termos justos e estáveis. As pessoas têm que passar não só a ver mas a sentir que o bem de outrem e o seu bem próprio estão intimamente

vinculados, de modo que nunca poderá parecer-lhes realmente desejável lucrar ou progredir à custa de outros. Se adquirirem esse estado de espírito, nunca mais se verão como totalmente separados ou em conflito com os outros; num certo grau, terão assumido o bem e as necessidades dos outros como parte de seu próprio e ampliado sentimento de bem pessoal (1996, p. 101).

“*Emílio ou da Educação*” é uma obra muito discutida até nossos dias. Bastante crítica, elogiada por muitos e desprezada por outros, consiste em um livro singular. Conforme Azor e Oliveira (2019, p. 29):

O romance pedagógico *Emílio*, apesar de ser tratado e escrito em um contexto hipotético, traz muitas contradições, no entanto, trata-se de uma obra que pode ser considerada como marco na pedagogia política de Rousseau. Ainda assim, muitos acreditam que é um absurdo que o filósofo tenha proposto a formação de um sujeito que fosse capaz de enfrentar os males sociais.

Inegavelmente, a contribuição de Rousseau para a História da Pedagogia foi crucial. Seu legado abriu um novo horizonte no que se refere ao cuidado da natureza. A natureza, assim, é importante em nossa vivência e precisamos sermos educados de modo a respeitá-la e a extrair ensinamentos a partir dela.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a Educação não ocorre de forma homogênea e que depende dos valores de cada sociedade. Entretanto, o foco do educar, em diferentes tempos e lugares históricos, apresenta de forma constante, a preocupação com a transformação de seres humanos. Sendo assim, ao longo dos séculos, a Pedagogia passa por mudanças, o que nos dá a pensar que a Educação de cada sociedade avança com a evolução de seu tempo. Desta forma, a época de Rousseau foi oportuna para um olhar mais aguçado para o sistema da Educação e para as transformações históricas ocorridas neste período - dentre elas, a Revolução Francesa - são provas que



demonstram o quanto o mundo estava em uma constante e inevitável mudança.

Rousseau conseguiu fazer uma “revolução copernicana” dentro da pedagogia. A construção de uma nova criança, diferenciada dos ideais da ideologia pedagógica jesuítica da época, sem dúvida representou um grande avanço. O pensador traz a criança para o centro da aprendizagem. Através da Educação Negativa, o infante cresce naturalmente, independentemente de toda influência do exterior, o que representa uma Pedagogia que teria como finalidade educar o indivíduo de forma diferente dos demais indivíduos, já corrompidos pela sociedade. E Emílio se torna, assim, o exemplo deste modelo de Educação.

17

A contribuição de Rousseau para a Pedagogia é muito relevante até os dias de hoje. A influência dos fatos históricos, políticos e sociais são marcantes no pensamento do filósofo. O movimento iluminista da época contribuiu de maneira decisiva na construção deste pensamento. Em Rousseau, Educação e Política são estreitamente ligadas, tanto é que seus dois mais famosos escritos (“*O Contrato Social*” e “*Emílio ou Da Educação*”) foram publicados concomitantemente.

Rousseau percebia que a desigualdade existente em sua sociedade deve ser um problema pedagógico. Para mudar as mazelas sociais, é necessário construir uma nova Pedagogia. Todavia, a Educação de sua época não estava preparada para tal mudança. Paradoxalmente, o homem, de fato, é um ser bom por natureza. Por isso, começando pela criança, vista como um ser inocente, o pensador ensina naturalmente como se tornar um sujeito com mais virtudes do que aquele que já fora corrompido socialmente.

A Educação recebe Emílio como um personagem que deve ser espelhado caso se queira construir uma nova sociedade. Emílio foi ensinado para ser um bom cidadão e, sendo assim, o personagem fictício apresenta peculiaridades e valiosos ensinamentos de seu preceptor, que não podem ser desprezados quando se pensa em métodos e práticas educacionais.

O legado do filósofo suíço implica em uma nova forma de educar, visando outra sociedade. Assim, como ocorreu nas sociedades antigas, para reformar o social é necessário reformular o sistema educativo. E isso é fundamental na transformação social que se espera promover. Por isso, Rousseau ao pensar numa sociedade republicana, viu a necessidade não somente de reorganizar a política pública, mas também de promover uma reforma no nível educacional. E a Educação de seu tempo não poderia ficar de fora desse processo.

## REFERÊNCIAS

- AZOR, R.; OLIVEIRA, N. A. A atualidade do sentido da desigualdade no pensamento de Rousseau. In: **Revista Razão & Fé**. Pelotas, Vol. 21, n. 1, p. 24, Dez. 2019.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- CASSIRER, E. **A filosofia do iluminismo**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- DENT, N. J. H. **Dicionário Rousseau**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- DERATHÉ, R. **J. J. Rousseau e a ciência política de seu tempo**. São Paulo: Barcarolla, 2009.
- DU BORD, C-H. **La Philosophie tout simplement**. Paris: Eyrolles, 2007.
- GADOTTI, M. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2008.
- GAMBOA, S. S. **Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias**. Chapecó: Argos, 2007.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HERMANN, N. **Hermenêutica e Educação**. Coleção [o que você precisa saber sobre...]. Rio de Janeiro: DP& A, 2002.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1983.

OLIVEIRA, N. A. **Rousseau e Rawls**: contrato em duas vias. Porto Alegre: EDIPUC, 2000.

PISSARRA, M. C. P. **Rousseau**: a política como exercício pedagógico. São Paulo: Moderna, 2002.

ROUSSEAU, J-J. **Carta a Christophe de Beaumont e outros escritos sobre a religião e a moral**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ROUSSEAU, J-J. **Confissões**. Bauru: EDIPRO, 2008.

ROUSSEAU, J-J. **O Contrato Social**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

ROUSSEAU, J-J. **Emílio ou Da Educação**. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SALINAS FORTES, L. R. **O bom selvagem**. São Paulo: FTD, 1989.

STRECK, D. R. **Rousseau e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntico, 2004.